

Ecoss dialógicos: As forças centrípetas no relatório de estágio no ensino médio integrado

Kélvya Freitas Abreuⁱ 

Instituto Federal do Sertão Pernambucano, Salgueiro, PE, Brasil

Cícero Barboza Nunesⁱⁱ 

Instituto Federal do Sertão Pernambucano, Salgueiro, PE, Brasil

Ivoneide Aires Alves do Rêgoⁱⁱⁱ 

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, RN, Brasil

Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa^{iv} 

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, RN, Brasil

1

Resumo

Nosso propósito é analisar as ressonâncias dialógicas de documentos institucionais na produção escrita do gênero relatório de estágio de discentes de dois cursos técnicos distintos de ensino médio integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano *campus* Salgueiro, a saber: Agropecuária e Edificações. Para isso, retomamos o conceito de forças centrípetas e forças centrífugas, segundo o Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2015, 2019; VOLOCHINOV, 2018, 2019), ao compreendermos o fenômeno sob o viés de forças verboideológicas que criam efeitos sobre a ação e sobre o próprio discurso. Assim, analisamos cinco relatórios de cada curso, buscando compreender como essas forças se fazem presentes. Em suma, encontramos o teor prescritivo-normativo de documentos institucionais, mas em cada curso foram estabelecidas relações distintas diante dessas forças, demonstrando como cada área do saber, também demarca suas características de pontos de fugas sobre o que é prontamente estabelecido, não descaracterizando o gênero.

Palavras-chave: Relações dialógicas. Forças verboideológicas. Relatório de estágio. Ensino médio integrado.

Dialogic echoes: the centripetal forces at trainee reports in integrated high school

Abstract

In this study we analyze the dialogic resonance from institutional documents in the writing production of the stage report gender of students from two different technical courses of the integrated high school from Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, to know: Agriculture and Buildings. We pointed out that we resume the centripetal force concept and centrifugal force according to Bakhtin Circle (BAKHTIN, 2015, 2019; VOLOCHINOV, 2018, 2019), into understood the phenomenon under the verb ideological forces that create effects under the action and about the own discourse. This way, beyond the analysis of five reports relative to each course, we looked for comprehend how these forces appear. To resume, we found out the normative prescriptive content in these institutional documents, however, in each course was established different relations in front of these forces, demonstrating how each knowing area also

demarcate its vanishing points characteristics about what is readily established and not really mischaracterize the gender.

Keywords: Dialogic Relations. Verb Ideological Forces. Trainee Reports. Integrated High.

1 Introdução

2

Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IF), segundo o portal do Ministério da Educação (MEC), “cumprem o compromisso social de oferecer educação profissional pública, gratuita e de qualidade a jovens e trabalhadores do campo e da cidade; viabilizam o acesso às conquistas científicas e tecnológicas” justamente por meio da qualificação profissional nos mais variados setores e/ou áreas do conhecimento, além de promoverem “a pesquisa aplicada e a inovação e atuam fortemente na extensão tecnológica” (BRASIL, 2020).

Nesse contexto, alguns autores, tais como Almeida Filho (2008), Príncipe (2017), Leite (2020), Leite e Barbosa (2020) e Abreu (2021), por exemplo, defendem a necessidade de estudarmos esse contexto de formação múltipla e assim buscarmos compreender as particularidades e identidades que emergem no reconhecimento das características da vivência em um Instituto Federal (IF), reconhecendo inclusive os eventos e as práticas de letramentos existentes, ao vislumbramos como são manejadas as relações de poder em tal espaço.

Seguindo esse norte, nosso estudo se pauta na conjunção do seguinte viés teórico-metodológico: por um lado, ancoramo-nos na Análise Dialógica do Discurso (ADD) para compreendermos as relações dialógicas existentes em uma dada arena discursiva (BAKHTIN, 2018; 2019; VOLÓCHINOV, 2018), e, por outro lado, apoiamo-nos nos Novos Estudos do Letramento, mais especialmente, nos letramentos acadêmicos (LEA; STREET, 2014; WENGER, WENGER, 2015) para analisarmos as ressonâncias dialógicas de documentos institucionais na produção escrita do gênero relatório de estágio de discentes-estagiários.

Diante disso, apresentamos a análise de cinco relatórios de estágio de duas comunidades de práticas, a saber: o curso de Agropecuária e o curso de Edificações do Ensino Médio Integrado (EMI) do Instituto Federal de Educação, Ciência e

Tecnologia do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE) *campus* Salgueiro. Nas próximas seções, expomos os referenciais teóricos que sustentam nossa análise: a ADD, letramentos e comunidades de prática para, em seguida, adentrarmos na descrição metodológica e na análise do estudo, em busca das relações dialógicas (RD) existentes.

3

2 Entrelaçando abordagens teóricas: ADD, letramentos e comunidades de prática

Reforçamos que nossa compreensão teórica se sustenta no viés social e histórico das relações humanas. Diante disso, entendemos, inicialmente, que a palavra não pode e nem deve ser considerada neutra. Essa palavra que, por sua vez, ao ganhar contexto, sujeito, relação espaço-tempo, transforma-se em enunciado e é refletida, em nosso estudo, segundo um viés bakhtiniano, se distancia do estudo proeminente da língua em sua materialidade abstrata ou que vise apenas a elencar conjuntos de regras e de prescrições gramaticais como algo imanente (PAULA, 2013). Na realidade, nossa defesa é que com essa materialidade linguística também seja possível pensarmos o discurso, os efeitos de sentidos presentes na e pela própria língua, ao captarmos as relações dialógicas (RD), o contexto de produção e de recepção desse discurso, compreendendo a arena dialógica onde se confrontam valores sociais (STELLA, 2014).

Para Bakhtin e o Círculo, devemos pensar a linguagem associando à dimensão extralinguística, já que a própria essência das RD é que essas são “irredutíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, que por *si mesmas* carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos” (BAKHTIN, 2018, p. 183 – grifos do autor), e assim, ao ganharem sentidos, na interação entre no mínimo duas vozes, tornar-se discurso.

Nessa linha de pensamento, a construção metodológica em torno da linguagem sustenta, em três etapas, um olhar mais amplo sobre o objeto de estudo (o discurso), as relações ali postas, bem como o fator extralinguístico presente no

discurso. Já que “[...] o discurso verbal impresso participa de uma espécie de discussão ideológica em grande escala: responde, refuta ou confirma algo, antecipa as respostas e críticas possíveis, busca apoio e assim por diante.” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 219).

Desse modo, não devemos minimizar os enunciados tomando somente a forma linguística para análise e levá-la a exaustão de estudo. Mas, compreendermos esse enunciado de acordo com “as condições concretas” por meio dos gêneros do discurso; investigando como o(s) enunciado(s) em sua diversidade se relacionam “em relação estreita com a interação” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 220) dos próprios elementos da linguagem e como isso ganha dimensões ideológicas na interação verbal; e, por fim, analisar como as formas da língua se moldam nos enunciados. Sinalizamos que, tomando como ponto o nosso objeto de estudo (o gênero relatório de estágio), defendemos que esse gênero traz indícios de inúmeras RD, principalmente das construções histórico-sociais que marcaram e que constituíram os sujeitos estudantes-estagiários enquanto discentes e futuros profissionais de uma dada área do saber, corroborando o que Volóchinov (2018, p. 109) já enfatizava ao expressar que “[...] cada época e cada grupo social possui o seu próprio repertório de formas discursivas da comunicação ideológica [...]”.

Em nosso entendimento, o gênero relatório deve ser concebido como um excedente de visão por parte do enunciador, uma vez que, ao vivenciar sua experiência laboral por meio do estágio, no “produto final” através do relatório, o sujeito tende a se distanciar e a narrar suas experiências sob a égide das forças centrípetas. Dito isto, destacamos que, para Bakhtin (2015), as forças centrípetas e centrífugas imperam na orientação da nossa linguagem, estabelecendo as zonas de conflitos, revelando, de igual modo, as relações dialógicas por meio da autoria e/ou estilo exposto pelo sujeito discursivo. Tais forças, por um lado, orientam o discurso para a formalidade, para a normatividade, evitando espaços de digressões, inventividade e inovações, reforçando o gênero como uma certa “camisa de força” (forças centrípetas); por outro, orientam o discurso para o externo, para as possibilidades discursivas e enunciativas (forças centrífugas).

Como vemos, estamos diante da unidade e da heterogeneidade da língua, “[...] evidenciando o constitutivo movimento entre unificação, centralização das ideologias verbais, orientação a unidade e plurilinguismo real [...]” (BRAIT; PISTORI, 2012, p. 380). Diante desta realidade, reforçamos o papel do interlocutor, visto que este ocupa uma determinada posição, exercendo sobre o sujeito discursivo – neste caso, o discente-estagiário – suas coerções. Assim, entendemos que documentos institucionais, leis, regulamentos, orientadores, supervisores, são considerados, neste contexto peculiar sobre a cultura do escrito, como um dos possíveis interlocutores mediadores dos letramentos (ABREU, 2021).

Frisamos ainda que quando somamos à abordagem dos estudos dos letramentos, mais precisamente, dos *New Literacy Studies* (NLS) ou Novos Estudos do Letramento (STREET, 2014), para pensarmos essa peculiaridade discursiva na escrita do relatório de estágio, estamos tomando como ponto de partida a ênfase dada pelos NLS sobre a natureza social das práticas da cultura escrita, sobretudo, relacionados a letramentos em eventos específicos. Ou seja, compreendemos a abordagem do letramento como uma prática social, na qual as atividades de leitura e de escrita são incorporadas no cotidiano por meio de ações no mundo que, por sua vez, são compartilhadas por um dado grupo. Assim, as práticas são culturais, pois os indivíduos se inserem nesse convívio e compartilham representações, ideologias, identidades sociais desse mesmo grupo/sociedade.

Pasquotte-Vieira (2016) reflete, amparado em uma base dialógica da linguagem, que se temos por um lado enunciados que nunca são neutros devido a nossas escolhas “linguístico-discursivas”, enquanto sujeitos implicados social e historicamente, por outro lado, nos constituímos na relação com o outro, em um processo alteritário em nossas práticas. Nessa ótica, costuramos os pontos principais entre a abordagem dialógica de Bakhtin e o Círculo com os NLS, tais como: o contexto de produção e recepção do escrito, o processo alteritário do sujeito, e, as relações de poder nos discursos, por exemplo.

Contudo, por qual motivo atribuímos o gênero relatório de estágio a uma dada esfera, mais especificamente, à esfera acadêmica-profissional? Ou ainda, por que associamos a particularidades de uma comunidade de prática?

Segundo autores que pesquisam práticas de letramento ou inclusive gêneros que circulam no mundo acadêmico (CASSANY, LÓPEZ-FERRERO, 2010; MOTTA-ROTH, HENDGES, 2010; dentre outros) existem singularidades nesse campo de atuação da atividade humana. De acordo com Reichmann (2016), no caso particular do discente-estagiário, ele possui a vivência com o gênero profissional e seu contexto de formação futura, atuando ainda na etapa acadêmica. Desse modo, o discente se vê diante de um “corpo intermediário” do contexto em que ele está imerso, a saber: a instituição de formação, de capacitação, tendo por um lado a situação social posta, e por outro, o objeto de trabalho (que também acolhe o sujeito e seus interlocutores).

Para Kleiman e Reichmann (2012, p. 160), por exemplo, em uma abordagem dos NLS, “[...] o estágio é uma prática letrada acadêmica que, como toda prática social, reflete, reforça e transforma os valores culturais e ideológicos da esfera em que essa prática se desenvolve [...]”, Enfatizamos, assim, que o estudante-estagiário se encontra justamente em uma fronteira, em uma espécie de entrelugar, segundo afirma Reichmann (2016), já que o discente vivencia esferas que se comungam no contexto do estágio, tais como a acadêmica, a escolar e a profissional, tornando essa “zona de fronteira” o lugar onde se vivenciam letramentos híbridos, pois esse jovem tem a possibilidade de “[...] participar de situações de trabalho significativas – que se configuram por meio de eventos de letramento profissional – ainda orientados pela instância formadora a que pertence o estagiário, o que, portanto, também as configura como eventos de letramentos acadêmico’ [...]”. (REICHMANN, 2016, p. 369).

Em nosso contexto, por intermédio de um olhar bakhtiniano sobre o processo e o cenário existente, entendemos esse “entrelugar” como a singularidade dessa etapa formativa. Nesse espaço do estágio de EMI estamos diante de um contexto peculiar da esfera acadêmica-profissional, pois ser discente da rede profissional implica participar de letramentos que, *a priori*, seriam destinados à universidade, mas eles já possuem o contato na sua etapa “escolar”, como por exemplo: ser bolsista, participar de congressos, construir relatórios, fazer resumos, apresentar comunicações orais, entre outros. Além disso, pontuamos que a vivência

profissional é tida como um momento que motiva a escrita final do relatório, mas também, o próprio gênero, que circunda esse universo, há um forte apelo ao viés acadêmico, somado à etapa avaliativa de sua formação.

Ainda neste contexto imperam as forças extralinguísticas sobre o projeto de dizer dos discentes, nos quais os interlocutores mediadores dos letramentos (IML) exercem o “poder” sobre o que dizer, como dizer, como construir esse dizer e para quem relatar esse dizer. Assim, o contexto de produção do relatório de estágio revela espaços sociais e relações específicas de poder, já que outros sujeitos se inserem além do aluno-estagiário para validar e aprovar esse seu “dizer”, tais como: o supervisor, o orientador, o coordenador do setor de estágio, as normativas que regulam a sua escrita, entre outras vozes que validarão se o objetivo fora alcançado.

Nessa linha de raciocínio, sinalizamos ainda que esse grupo, os de discentes-estagiários, possui particularidades em comum, visando a um interlocutor outro, buscando sempre direcionar o seu dizer, permeado por seus respectivos posicionamentos valorativos e axiológicos. Essa compreensão, nos faz criar uma terceira ponte para somarmos ao olharmos os nossos dados: a definição de Wenger e Wenger (2015) sobre a compreensão de Comunidades de Prática (CP). Desse modo, destacamos que para os autores as CP são definidas como grupos que dividem preocupações, anseios, desejos por aquilo a que se dedicam ao passo que aprendem a fazê-lo de forma interativa e regularmente como sujeitos integrantes desse mesmo grupo. Esse conjunto de pessoas possuem valores em comum, partilham conhecimentos, encontram formas de interagirem e se aprimorarem juntas.

Para este trabalho, nos concentramos mais fortemente nas relações dialógicas presentes no relatório de estágio que respondem aos ecos institucionais. Porém, compreendemos ser importante enfatizarmos essa correlação ao estudarmos o nosso objeto, associando essas três linhas de frente: a ADD, os NLS e as CP.

3 Metodologia

Essa nossa investigação se traduz como um estudo descritivo de teor interpretativista sobre as ressonâncias dialógicas de documentos institucionais na produção escrita do gênero relatório de estágio de discentes de dois cursos técnicos distintos de ensino médio integrado do IFSertãoPE: Agropecuária e Edificações.

Para o recorte por ora apresentado, nos propomos analisar cinco relatórios de estágio de cada CP e assim cotejar as relações dialógicas presentes que ecoam as vozes de documentos institucionais específicos, tais como: o Guia de Elaboração dos Trabalhos de Conclusão de Curso (GETA), e, o Modelo de Relatório dos Cursos Técnicos (MRCT). Porém, destacamos que além desses nos foi imprescindível correlacionar como elo de teor prescritivo (forças centrípetas) na produção do gênero relatório de estágio outros documentos institucionais, a saber: a Lei do Estagiário – nº 11.788/2008 (LE), o Projeto Pedagógico do Curso (Agropecuária e Edificações) – (PPC de AGRO, PPC de EDIF), o Regulamento do Estágio (RE), e, o Manual do Estagiário (ME).

Em suma, em nosso processo de cotejar outros elementos sobre o entorno e que influenciaram no projeto enunciativo dos estudantes-estagiários, denominamos estas vozes institucionais como um dos exemplos de IML que mesmo distante fisicamente se fez/faz presente no fio discursivo do grupo investigado. Lembramos, de igual modo, que os dados, mesmo que de domínio público, optamos por seguir a seguinte apresentação de acordo com a disposição cronológica e alfabética, além de serem marcados com a sigla do curso no qual fora extraído aquele gênero, por exemplo: RE – AGRO 01, 2016 (RE – AGRO: relatório do curso de Agropecuária; 01 – primeiro relatório retirado em ordem alfabética; 2016 – ano de publicação); e assim, sucessivamente. Além disso, tomamos como recorte os anos de 2016 a 2018, visando a entender como a CP vai se consolidando nesse período.

4 Resultados e Discussões

A princípio, lembramos que os diálogos engendrados no interior das mais variadas esferas de circulação guardam dinâmicas peculiares entre seus pares (sujeitos discursivos), tal como as CP de cada grupo, podendo ainda ter grande

influência de forças verboideológicas dos grupos sociais ali presentes com maior poder dentro desses espaços, conforme expusemos e refletimos nas seções teóricas deste nosso estudo (BAKHTIN, 2018, 2019; VOLÓCHINOV, 2018). Nosso objetivo, nesta seção, é compreendermos como nos lembra Bakhtin (2016, p. 101) que em cada palavra, cada signo ideológico, é possível recuperarmos em nosso processo de escuta, “[...] vozes às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais (as vozes dos matizes lexicais, dos estilos, etc.), quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente.”

Nesta linha, destacamos como os discursos oficiais em suas orientações acadêmicas, científicas, tecnológicas e laborais exercem forças verboideológicas sobre os discursos dos sujeitos dos grupos sociais investigados, cumprindo o papel de interlocutor, de mediador dos letramentos, nesse campo de atuação das CP investigadas. Para isso, reforçamos que dentre os documentos sumarizados, encontramos as seguintes características sobre como eles prescrevem e normatizam suas vozes diante da cultura do escrito, ou seja, como direcionam uma voz para a produção escrita dos discentes, tanto em relação à forma composicional do gênero, tanto em relação ao conteúdo:

Quadro 1 - Interlocutores mediadores dos letramentos – institucionais.

DIRECIONAMENTOS	DOCUMENTOS / SIGLA						
	LE	PPC de AGRO	PPC de EDIF	RE	ME	GETA	MRCT
Respaldo de um sistema normativo-centralizador sobre a competência dos sujeitos envolvidos no estágio (instituição, empresa concedente e estagiário): uso de leis, normas, regulamentos e/ou notas técnicas para que se cumpram as ações esperadas	X	X	X	X	X	X	X
Direitos e deveres dos pares envolvidos no estágio	X	X	X	X	X		
Realce nos objetivos educacionais do estágio	X	X	X	X	X	X	
Exigência de relatórios como comprovação	X	X	X	X	X	X	X
Reiteração que o estágio se trata de um processo avaliativo	X	X	X	X	X	X	X
Ênfase no abatimento de horas caso o		X	X	X	X		

discente-estagiário tenha sido bolsista de iniciação científica, extensão ou monitoria							
Relevância no perfil/ identidade do estudante-estagiário		X	X		X		
Direcionamentos sobre as ações dos estudantes-estagiários (realce no que é esperado na ação discente e consequente narrativa nos relatórios)			X	X	X		
Direcionamentos sobre a produção escrita (realce no conteúdo)	X	X	X	X		X	X
Direcionamentos sobre a produção escrita (realce na forma composicional do gênero)						X	X

Fonte: Elaborado para este trabalho (2021).

Desse modo, ao analisarmos os documentos institucionais, depreendemos que há uma forte presença do respaldo jurídico, de uma voz de autoridade para alinhar as ações e justificar o próprio estágio como espaço de formação e capacitação “escolar” supervisionada. Ainda assim, visualizamos uma certa recorrência na exigência da escrita do relatório tanto como elemento de comprovação das atividades ali vivenciadas, como “produto” pelo qual o discente será avaliado. Nessa linha, os direcionamentos sobre a produção escrita, mesmo que de forma embrionária, esteja em peso nos seis documentos institucionais elencados, tomamos por ora os dois últimos documentos: o GETA e o MRCT, pois esses se centram mais especificamente na forma composicional do gênero, inclusive trazendo modelos/templates para que os discentes-estagiários tomem como parâmetro para a produção escrita.

Nesse sentido, reforçamos que quando pensamos em “forma” vinculada ao gênero, devemos compreendê-la, por um lado, sob o viés da materialidade do texto por meio da sua forma composicional e, por outro, pelo viés da superfície discursiva (SOBRAL, 2009). Esta última se atrela à própria organização do conteúdo vislumbrado pela materialidade verbal, imbricada pelas relações entre autoria, conteúdo temático e endereçamento. Assim, quando seguimos essa linha, não nos deparamos somente com a forma estrutural do gênero, mas com a forma arquitetônica deste gênero.

Para Sobral (2009, p. 68 – 69), e coadunamos com o pesquisador, “[...] a forma composicional cria um dado texto e a forma arquitetônica uma dada forma de interlocução, de relação entre autor e ouvinte, locutor e interlocutor. [...]”. A título de exemplificação, se tomarmos o nosso contexto de pesquisa, defendemos que o gênero relatório cumpre um papel de responsividade ativa por meio do alto grau de resposta por parte dos sujeitos estudantes-estagiários, uma vez que estes são convocados a, inevitavelmente, “produzir” uma narrativa sobre “[...] o que **você** fez e o que **você** aprendeu [...]” (BRASIL, 2016b [?], p. 04 – grifos do autor), perpassado por um tensionamento que é a pressão da aprovação (forças avaliativas).

Aos discentes são feitas exigências em torno de uma “adequação” discursiva, de uma escrita como “amarras”, de um apagamento enunciativo que tende a resumir a escrita a um modelo de letramento pautado na estrutura. Porém, enquanto seres respondentes, essencialmente dialógicos, é na forma arquitetônica do gênero que conseguimos encontrar as particularidades dessa escrita, quer seja de ordem linguística, quer seja de ordem discursiva ao implicar o outro neste dizer, ao construir relações dialógicas com já-ditos e com o porvir.

Neste sentido, nesse nosso recorte nos propomos a refletir sobre a forma estrutural do gênero e os efeitos das forças centrípetas no projeto de dizer destes discentes estagiários. A fim de não esquecermos do projeto arquitetônico em sua integralidade, vamos aprofundando as análises quando das relações dialógicas no fio discursivo por meio da presença do outro no enunciado e compreendendo a constituição das CP dos grupos investigados. Portanto, pautados no viés dialógico para nossa reflexão, partimos da compreensão que na forma arquitetônica encontramos o espaço para a dispersão, para a construção da resistência por meio de forças centrífugas frente à imposição verboideológica de confecção deste gênero em específico. Para isso, lembramos que, segundo o GETA e o MRCT, as partes que integram a estrutura formal do gênero relatório de estágio, no contexto do IF SertãoPE, são: os elementos pré-textuais (Capa, folha de rosto, folha de aprovação, agradecimentos, lista de ilustrações, lista de tabelas, lista de gráficos), os textuais (Introdução, identificação do campo de estágio, apresentação da instituição, atividades desenvolvidas, conclusão) e os pós-textuais (Referências, apêndice,

anexos). Nesta configuração, tais itens são considerados elementos obrigatórios e/ou opcionais quando da produção escrita por parte do discente.

Assim sendo, desses elementos, solicitados por esses IML, vemos uma resposta à adequação por parte dos discentes-estagiários com as seguintes porcentagens:

Tabela 1 - Materialidade textual-discursiva dos relatórios: elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais das CP de agropecuária e de edificações.

CURSO			AGROPECUÁRIA			EDIFICAÇÕES		
ANO			2016	2017	2018	2016	2017	2018
Elementos pré-textuais	Obrigatórios	Capa	100%	100%	100%	100%	100%	100%
		Folha de rosto	100%	100%	100%	100%	100%	100%
		Folha de aprovação	0%	50%	0%	100%	100%	100%
		Sumário	100%	100%	100%	100%	100%	100%
	Não obrigatórios	Agradecimentos	100%	50%	50%	0%	0%	100%
		Lista de ilustrações	0%	0%	0%	100%	100%	0%
		Lista de tabelas	0%	0%	0%	0%	0%	0%
		Lista de gráficos	0%	0%	0%	0%	0%	0%
		Lista de abreviaturas e siglas	0%	0%	0%	0%	0%	0%
		Lista de símbolos	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Elementos textuais (Obrigatórios)	Introdução	100%	100%	100%	100%	100%	100%	
	Identificação do campo de estágio	100%	100%	100%	100%	100%	100%	
	Apresentação da instituição	100%	100%	100%	100%	100%	100%	
	Atividades desenvolvidas	100%	100%	100%	100%	100%	100%	
	Conclusão	100%	100%	100%	100%	100%	100%	
Elementos pós-textuais	Obrigatórios	Referências	100%	100%	100%	0%	50%	50%
	Não obrigatórios	Apêndice	0%	0%	0%	0%	0%	0%
		Anexos	100%	0%	50%	0%	0%	50%

Fonte: Elaborado para este trabalho (2021).

Logo, avultamos que mesmo a produção do gênero relatório sofrendo coerções de várias ordens (forças centrípetas através dos IML institucionais) para que a escrita fosse construída de uma dada maneira (seguir o *template* fornecido pelo GETA e mais precisamente pelo MRCT), os discentes-estagiários travaram seu

momento dialógico ao singularizarem essa produção segundo a sua respectiva CP. Como observamos dentre os elementos pré-textuais obrigatórios, somente os discentes-estagiários da CP de Agropecuária que não apresentaram uma certa regularidade em relação a presença da folha de aprovação. Neste quesito, avultamos que o GETA não cita essa parte na composição do relatório, somente no MRCT que informa da obrigatoriedade de tal elemento, indiciando-nos como os discentes podem tomar como parâmetros os direcionamentos dados por um dos IML. Em contrapartida, na CP de Edificações a presença desse elemento foi recorrente entre os dados do recorte proposto para esse trabalho.

Outro ponto que destacamos ainda nos elementos pré-textuais é sobre a não-obrigatoriedade de algumas seções, tais como: os agradecimentos e a lista de ilustrações. Os discentes-estagiários da CP de Agropecuária, por exemplo, compreenderam ser salutar no seu projeto de dizer estar presente a seção de agradecimentos. Nela os discentes revelam a voz de gratidão a sujeitos que de forma direta ou indireta contribuíram com a conclusão dessa etapa formativa, bem como sinalizam o agradecimento à instituição pela formação que obtiveram. Ao passo que a CP de Edificações traz a seção de lista de ilustrações, pois quando do desenvolvimento os elementos verbo-visuais enriquecem o projeto enunciativo desse grupo. Destacamos que isso não significa que a CP de Agropecuária não use de elementos verbo-visuais, mas esse grupo não sumariza como a CP de edificações já faz.

Em relação aos elementos textuais obrigatórios os discentes de ambas CP cumprem a obrigatoriedade da presença e seguem as indicações fornecidas por intermédio de um dos IML ao sinalizarem uma certa progressão textual para as seções, no qual a primeira etapa indicaria uma contextualização inicial do trabalho, para destacar, em seguida, o campo de atuação e a empresa onde ocorreu o estágio; posteriormente, adentra na descrição do desenvolvimento das ações vivenciadas pelos sujeitos discentes, e; finaliza com os efeitos perante ao aprendizado dessa etapa formativa. Entendemos que a estruturação apresentada nos relatórios mesmo apresentando essas seções, não necessariamente essas seguiam de forma linear o sugerido, pois encontramos relatórios cuja introdução veio

posterior a inserção no campo de atuação e da descrição da empresa *locus* do estágio (CP de Edificações) ou ainda relatórios que possuíam o título de seção denominada “apresentação”, mas acoplavam informações do campo de atuação, contextualização do estágio e sobre a empresa concedente, para em seguida trazer a introdução e adentrar no desenvolvimento do relatório (CP de Agropecuária).

Nos elementos pós-textuais, vemos a regularidade da CP de Agropecuária em trazer as referências desenvolvidas no relatório, enquanto a CP de Edificações vem apresentando em apenas uma parte dos seus membros essa seção. Frisamos ainda que dentre os relatórios investigados que trouxeram o elemento referências, encontramos as seguintes particularidades: a) os trabalhos que são citados ao longo dos relatórios não se encontram de forma unânime nas referências; b) há menção a obras, a leis e/ou a autores compilados nas referências, mas esses não são citados ao longo do relatório. Quiçá sejam considerados leituras complementares que colaboraram na construção do raciocínio da narrativa; c) alguns títulos das obras não possuem o destaque segundo as normas da ABNT (negrito ou itálico nos títulos); d) os trabalhos não estão dispostos em ordem alfabética nas referências, assim como proposto pela ABNT; e) referências utilizadas em gráficos, imagens, tabelas e/ou outros recursos não são recuperados nesta etapa dos elementos pós-textuais. Assim, reforçamos que como estamos diante de grupos de CP distintas, mas que possuem como membros jovens iniciantes na cultura do escrito no qual se soma o viés acadêmico e profissional, compreendemos que há uma tentativa em se adequarem a essas solicitações, pois há um esforço para recuperarem essas vozes de autoridade que ancoram o projeto enunciativo, tal como solicitado por alguns dos IML e provavelmente por seus interlocutores imediatos, tais como os orientadores.

Destacamos, também nos elementos pós-textuais, que a CP de Agropecuária possui uma certa recorrência em trazer nos anexos as comprovações por meio de imagens e/ou tabelas as ações que desenvolveram, ao passo que a CP de Edificações faz uso de elementos verbo-visuais com imagens, gráficos, plantas baixas e tabelas ao longo do desenvolvimento do trabalho, porém nos anexos estão mais presentes memoriais, tabelas, planilhas orçamentárias e imagens, por exemplo. Nesse sentido, mesmo apresentando os elementos obrigatórios solicitados

para a estrutura do gênero relatório, tal como vemos nas porcentagens expressas dos elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais (Tabela 01), as CP investigadas apresentaram peculiaridades que demonstravam a atuação das forças centrífugas frente a esse projeto que orienta, prescreve ou normatiza a cultura do escrito.

Assim sendo, vemos ainda outras singularidades desses grupos que comprovam essa dispersão frente ao que deve e como deve ser escrito, demonstrando a agentividade dos sujeitos, seus estilos ou ainda a forma como grupos partilham o conhecimento/a forma de dizer algo sobre um dado assunto no mundo. Nessa linha, encontramos peculiaridades quanto: à capa (CP de edificações com *template* próprio), sobretudo nos anos de 2016 e 2017, demonstrando uma certa prática existente antes mesmo da implantação do GETA e do MRCT; ao título do relatório (CP de Agropecuária apresentando título para designar as atividades ou área de atuação do estágio), no qual os discentes se atentam ao informar ao interlocutor sobre o que se trata aquele relatório, diferenciando do título sugerido: “Relatório de estágio curricular obrigatório de habilitação profissional em técnico de XXX”; e, ao sumário (CP de Edificações com ordem distintas dos elementos – apresentação/introdução, apresentação da empresa, agradecimento; CP de Agropecuária com exemplos que seguem o modelo proposto pela instituição).

Em relação ao desenvolvimento textual, ambas CP enfatizam a obrigatoriedade do relatório, demonstrando que eles possuem a noção dessa etapa e os objetivos que cumprem tal gênero nesse cenário específico: o viés avaliativo. Outro ponto que ambas CP reforçam é a necessidade de profissionais capacitados, por isso, a prática do estágio, o próprio curso ser salutar para suprir essa lacuna. E como uma característica especialmente da CP de Edificações (grupo que apresentou maior número de ocorrências), os discentes-estagiários buscavam uma sustentação em recursos verbo-visuais (imagens, gráficos, tabelas) ao discorrerem sobre as suas respectivas atividades desenvolvidas, complementando assim a narrativa, o fio discursivo, o projeto de dizer.

4 Considerações finais

Nosso propósito investigativo teve como objetivo analisar as ressonâncias dialógicas de documentos institucionais na produção escrita do gênero relatório de estágio de discentes de dois cursos técnicos distintos de EMI do IF Sertão PE *campus* Salgueiro, a saber: Agropecuária e Edificações. Inicialmente, estabelecemos os diálogos teóricos que nos serviram de base para refletirmos o entrelaçamento da ADD, dos estudos sobre letramentos e sobre comunidades de práticas. Dentre as inúmeras bifurcações reflexivas que este estudo nos propicia, destacamos o fato de trazeremos à baila os discursos oficiais em suas acepções acadêmicas, científicas, tecnológicas e laborais, especialmente por exercerem forças verboideológicas sobre os discursos dos sujeitos dos grupos sociais investigados.

Outro aspecto extremamente relevante no que tange aos documentos oficiais analisados, destacamos os ecos da voz de autoridade, sendo alicerçados pela presença de normativos que legitimam e regulamentam o estágio como espaço de formação e capacitação do indivíduo. Vale salientarmos que essas ancoragens jurídicas também podem ser visualizadas no processo de escrita dos relatórios tanto como elemento de comprovação das atividades ali vivenciadas, como “produto” pelo qual o discente será avaliado. Essa correspondência entre os documentos oficiais e a escrita do sujeito concluinte do estágio supervisionado corroboram para evidenciarmos a dialogicidade presente na escrita acadêmica.

De todo modo, ressaltamos que a forma composicional do gênero relatório de estágio se vincula à sua forma arquitetônica, já que integra ao projeto enunciativo do sujeito discursivo, assim como ao conjunto de regularidades enunciativas que seu grupo social vivencia. Portanto, afirmamos que a forma composicional integra a estruturação dos elementos comunicativos e discursivos associados à dimensão semântica dos enunciados na qual apresenta uma organização relativamente estável. Assim sendo, neste nosso recorte, propusemos a observar uma das inúmeras faces de compreender as ressonâncias dialógicas existentes (quiçá em estudos posteriores visualizaremos outras faces) no gênero relatório de estágio, pois os dados revelaram que a cultura acadêmica nos cursos de Agropecuária e Edificações ressoa a dialogicidade que se evidencia, especialmente, a partir das

práticas de letramento acadêmico, sendo tal letramento identificado através da escrita que mantém ecos dialógicos com documentos orientadores (um dos IML).

Por fim, enfatizamos que o entrelaçamento proposto neste estudo contribui para elevarmos as possibilidades de cotejamentos que tragam os letramentos como novas chaves de interpretação que podem nos ajudar nas pesquisas na área de ADD, vislumbrando as formas de vida sociocultural, política e histórica dos participantes engajados no processo discursivo.

Referências

ABREU, K. F. **Relações dialógicas no gênero relatório de estágio em comunidades de prática do Ensino Médio Integrado**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros/RN, 2021.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Aprendizagem e Ensino de Línguas em Contextos Tecnológicos. **Reverte**: Revista de Estudos e Reflexões Tecnológicas da FATEC, Indaiatuba, v. 6, p. 220 – 230, 2008.

BAKHTIN, M. M. **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. 1. ed. 1ª reimp. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, M. M. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: um experimento de análise filosófica. In: BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Tradução: BEZERRA, P. 1. ed. 2ª reimp. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 71 – 107.

BAKHTIN, M. M. O discurso em Dostoiévski. In: BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BAKHTIN, M. M. **Teoria do Romance III: O romance como gênero literário**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

BRAIT, B.; PISTORI, M. H. C. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. **Alfa**, São Paulo, 56 (2), p. 371-401, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-57942012000200002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 14 set. 2019.

CASSANY, D.; LÓPEZ-FERRERO, C. De la Universidad al mundo laboral: Continuidad y contraste entre las prácticas letradas académicas y profesionales. In: PARODI, G. **Alfabetización académica y profesional en el siglo XXI: leer y escribir desde las disciplinas**. Barcelona: Planeta Ariel, p. 347 – 374, 2010.

KLEIMAN, A. B.; REICHMANN, C. L. “... tive uma visão melhor da minha vida escolar”: letramentos híbridos e o relato fotobiográfico no estágio supervisionado”. **Caderno de Letras** (UFPEL), vol. 18, p. 156 – 175. 2012.

LEA, M. R.; STREET, B. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. Tradução: KOMESU, F.; FISCHER, A. In: **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**. São Paulo, v. 16, n. 2, p. 477-493, jul. / dez. 2014.

LEITE, E. G. Letramentos acadêmicos na iniciação científica de alunos de ensino médio do *campus* Pau dos Ferros do IFRN. **Tese**. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Rio Grande do Norte: 2020.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. H. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PASQUOTTE-VIEIRA, E. A. A aliança entre etnografia e linguística como proposta teórico-metodológica para pesquisas sobre letramentos acadêmicos. In: FIAD, R. S. **Letramentos acadêmicos: contextos, práticas, percepções**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

PAULA, L. de. Círculo de Bakhtin: uma análise dialógica do discurso. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 239 – 258, jan. / jun. 2013.

PRINCIPE, G. S. A escrita de monografia no ensino técnico integrado ao médio: uma prática dialógica de letramento acadêmico. **Tese**. Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (área de Linguagem e Educação). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo: 2017.

REICHMANN, C. L. Práticas de letramento docente no estágio supervisionado de letras estrangeiras. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 14, p.933 – 954. 2012.

REICHMANN, C. L. O estágio supervisionado como prática de letramento acadêmico-profissional. In: KLEIMAN, A. B.; ASSIS, J. A. **Significados e ressignificações do letramento: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2016.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

STELLA, P. R. Palavra. In: BRAIT, B. **Bakhtin: Conceitos-chave**. 5. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

STREET, B. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

WENGER-TRAYNER, E.; WENGER-TRAYNER, B. Comunidades de prática una breve introducción. (Traducción de Govea Aguilar). **Proyecto Educación y Nuevas Tecnologías** – Área Educación, v. 05, 2015. Disponível em: <http://www.pent.org.ar/institucional/publicaciones/comunidadespractica-una-breve-introduccion>. Acesso em: 30 abr. 2020.

ⁱ **Kélvya Freitas Abreu**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9003-2983>

Instituto Federal do Sertão Pernambucano

Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Professora de Língua Espanhola do Instituto Federal do Sertão Pernambucano. É líder do grupo de pesquisa GEPET (IFSertãoPE *campus* Salgueiro) e é membro do Grupo de Estudos do Discurso (GRED/UERN). Contribuição de autoria: A autora idealizou o projeto, desenvolveu a pesquisa e toda a escrita base (primeira e segunda versão).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8256713003295566>

E-mail: kelyva.freitas@ifsertao-pe.edu.br

ⁱⁱ **Cícero Barboza Nunes**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9633-4272>

Instituto Federal do Sertão Pernambucano/ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Doutorando da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano. Pesquisador dos Grupos de Pesquisa GELLAMA (UFAM) e GETEDE (IFAL).

Contribuição de autoria. Revisão textual, apontamentos gerais e elaboração da versão final.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4224355781116225>.

E-mail: cicero.nunes@ifsertao-pe.edu.br

ⁱⁱⁱ **Ivoneide Aires Alves do Rêgo**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1193-6205>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Doutoranda da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Professora de Língua Inglesa da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio Grande do Norte. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa EALE/UERN.

Contribuição de autoria: Revisão textual e revisão linguística em língua estrangeira.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7714695192303098>

E-mail: ivoneideaires@gmail.com

^{iv} **Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2261-5658>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Doutora em Linguística. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do PROFLETRAS (UERN).

Contribuição de autoria: Orientação e revisão textual.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7241411335114630>

E-mail: socorromvitoria@gmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Avaliadora: Verônica Maria de Araújo Pontes

Como citar este artigo (ABNT):

ABREU, Kélvya Freitas; NUNES, Cícero Barboza; RÊGO, Ivoneide Aires Alves do; BARBOSA, Maria do Socorro Maia Fernandes. Ecos dialógicos: As forças centrípetas no relatório de estágio no ensino médio integrado. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022.